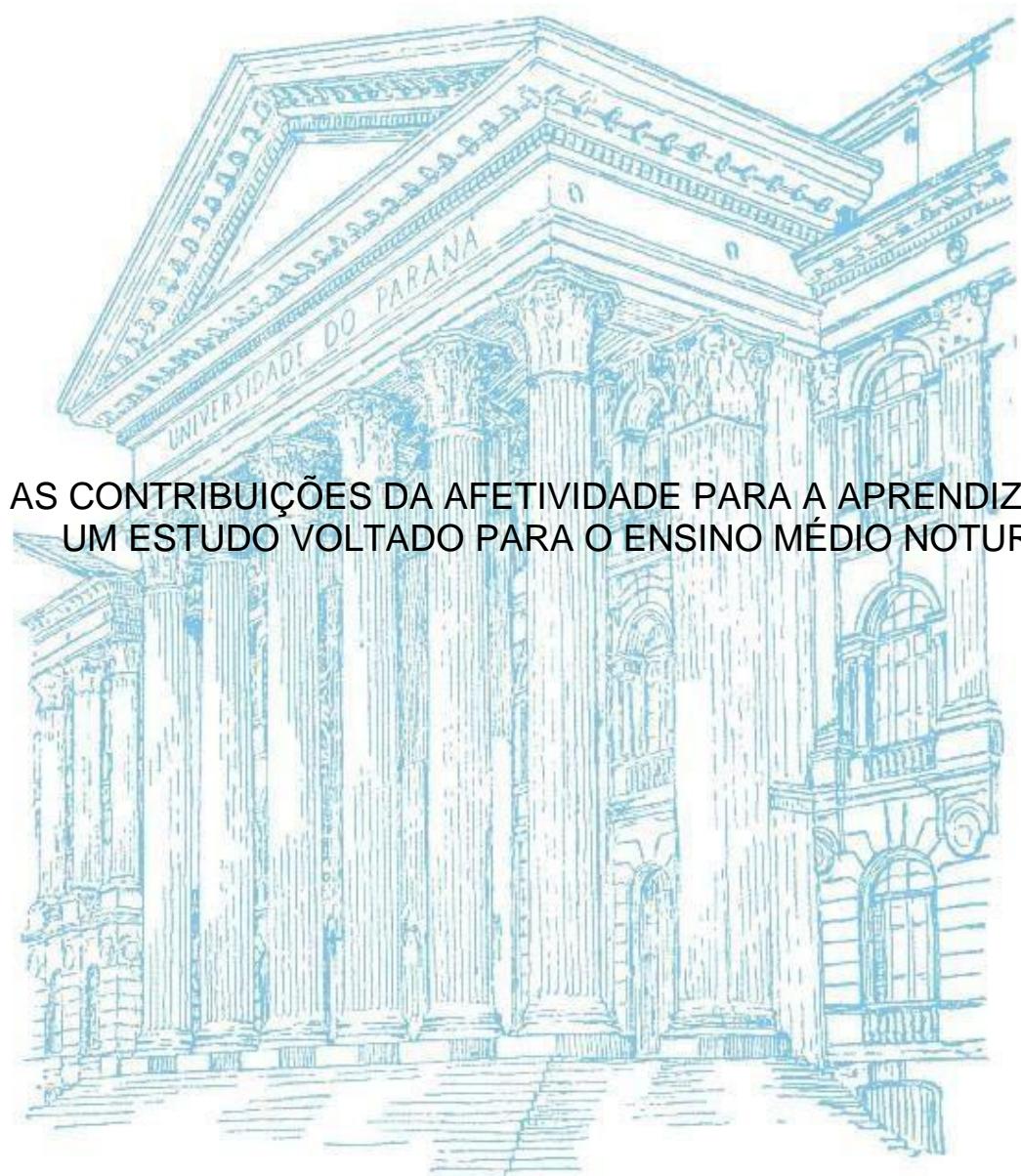


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

MARISE MARQUES



AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM:  
UM ESTUDO VOLTADO PARA O ENSINO MÉDIO NOTURNO

2016  
CURITIBA

MARISE MARQUES

AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM:  
UM ESTUDO VOLTADO PARA O ENSINO MÉDIO NOTURNO

Trabalho apresentado como requisito à  
obtenção do grau de especialista no Curso  
de Especialização em  
Pedagógica, Setor de  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Michelle Souza Julio Knaut

CURITIBA 2016

# AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM: UM ESTUDO VOLTADO PARA O ENSINO MÉDIO NOTURNO

MARQUES<sup>1</sup>, Marise,

## RESUMO:

A presente pesquisa teve como principal objetivo compreender as contribuições da afetividade na relação professor e aluno, bem como identificar a opinião dos professores sobre a relação entre afetividade e aprendizagem e a percepção dos alunos sobre o professor quando é manifestada a afetividade em sala de aula. Observou-se na prática como Pedagoga, que os alunos que não possuíam bom relacionamento com determinados professores, tinham baixo rendimento na disciplina ministrada por ele, já que associava a pessoa do professor à disciplina, o que acabava prejudicando a aprendizagem dos alunos. Por esse motivo decidiu-se estudar a relação entre afetividade/professor/aluno. Para tanto se realizou uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Foram elaborados questionários a professores e alunos do Ensino Médio Noturno para o levantamento de dados, cada um com cinco questões, dos quais participaram doze professores e quinze alunos, abordando o tema. Concluiu-se, após análise, que a afetividade é de vital importância para que a aprendizagem ocorra de forma significativa, e que mesmo sem ter noção do conceito mais amplo as atitudes dos professores para com alunos estabelecem laços, através de características como respeito, atenção, dedicação, compreensão e entusiasmo, que se destacam como fatores que promovem uma aprendizagem eficaz conforme apontamentos dos alunos participantes. Além disso, autores como Tassoni (2000), Ferreira e Acioly-Régnier (2010), Sousa e Oliveira (2008) entre outros, com contribuições de Wallon (1978) e Vygotsky (1994) constantes nos trabalhos dos autores pesquisados, muito contribuíram para a compreensão da amplitude do tema, e da comprovação de que a afetividade influência de forma significativa no rendimento escolar.

**Palavras-chave:** Afetividade. Professor. Aluno. Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pela aluna Marise Marques do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Michelle Souza Julio Knaut . E-mail: prof.marisemarques@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Para que o aprender se concretize em qualquer situação é necessário que ocorra a interação entre aquele que ensina e aquele que aprende sendo, portanto, um processo dinâmico e que sofre influências constantes do meio social onde os indivíduos estão inseridos. Em todo esse processo, estudos comprovam que a afetividade desempenha importante papel no desempenho escolar.

No intuito de compreender essa relação e comprovar *in loco* sua veracidade levantou-se a possibilidade de pesquisar na primeira série do Ensino Médio do noturno a relação professor-aluno frente à manifestação da afetividade em sala de aula. Observou-se ao longo dos anos no cotidiano de trabalho enquanto Pedagoga, que, quando o aluno não se relaciona de forma positiva com a figura do Professor pode ter um baixo rendimento na disciplina ministrada por ele, uma vez que o estudante faz associações entre a pessoa e a disciplina, esse fator pode suscitar desconforto para ambos os envolvidos na aprendizagem e prejudicar o desenvolvimento cognitivo desse indivíduo.

Nesse sentido a afetividade e o rendimento escolar estão intimamente ligados, pois segundo Luzuriaga (1972) *apud* Jacob e Loureiro (1996 p. 154).

A questão da aprendizagem e sua relação com fatores afetivos discutiu que o fracasso escolar pode decorrer da inadequação do uso do potencial intelectual, estando este a serviço de dificuldades emocionais. Assim, a criança utilizaria seus recursos intelectuais em um funcionamento defensivo, numa atividade constante da mente de evitar o conhecimento. O investimento contra a própria inteligência estaria associado à negação dos vínculos significativos, num processo autodestrutivo de desconexão mental.

Tendo em vista a importância dessa questão justifica-se a presente pesquisa, e observa-se que quando o aluno tem empatia com o professor, muitas vezes este passa a aceitar o conteúdo, a disciplina e o que é proposto. Diferente de quando o professor se coloca “frio” para com seu aluno.

A teoria Walloniana, contribui para que se comprehendam melhor as relações entre educando e educador, além de situar a escola como um meio fundamental no desenvolvimento desses sujeitos. “A noção de domínios funcionais entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa” (WALLON, 1995, p. 117).

Segundo Tassoni (2000, p. 3):

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

Mello e Rubio (2013 p. 7) destacam ainda que:

O ato de ensinar e de aprender envolve e exige certa cumplicidade do professor, tal cumplicidade se constrói nas intervenções, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado. Cabe ao professor planejar e executar suas aulas para que seus alunos criem vínculos positivos entre si e os conteúdos. Quando um professor apenas transmite um conteúdo, sem nexo, sem que o aluno assimile afetivamente o conteúdo, nada será aprendido, pois o professor tem de tornar os conteúdos interessantes aos olhos dos alunos.

O professor quando trabalha com dedicação e toma cuidado com as relações em sala de aula, consegue despertar no aluno o interesse em aprender.

Assim, pretendeu-se como objetivo geral: Compreender as contribuições da afetividade na relação professor e aluno. E como objetivos específicos: Estudar autores que dão subsídios para a discussão em pauta; identificar a opinião dos professores em relação à afetividade e a aprendizagem e verificar as percepções dos alunos nas manifestações de afetividade em sala de aula.

A partir de uma abordagem qualitativa, fez-se pesquisa bibliográfica. Na sequência, foram elaborados questionários para levantamento dos dados da pesquisa.

De acordo com Severino (2000, p. 77), as pesquisas bibliográficas nada mais são do que “trabalhos no âmbito da reflexão teórica, tais documentos são basicamente textos: livros, artigos”, os quais se fizeram presentes nesta pesquisa.

Depois do levantamento bibliográfico, no segundo momento, foi realizada a pesquisa de campo e, para isso, o instrumento utilizado foi um questionário, pois este, segundo Fonseca (2012, p.27) possibilita obter “informação necessária para o desenvolvimento do estudo”.

Dessa forma, para obter as informações necessárias para a pesquisa, o questionário foi aplicado em um colégio estadual situado no Município de Ponta Grossa – Paraná.

Os participantes foram 12 professores que trabalham com o Ensino Médio no Período Noturno e 15 alunos do Ensino Médio do mesmo turno.

Acredita-se que os objetivos traçados foram atingidos. Os resultados da pesquisa apontam que a grande maioria dos professores estabelecem laços afetivos com seus alunos, mesmo que alguns entendam afetividade em seu sentido mais simplificado como afeição, carinho e amizade. Entretanto, observa-se nas respostas que essa mesma maioria cita o respeito, a ética, a atenção e o diálogo constante como presentes em suas práticas, que leva a construções de vínculos afetivocognitivos em seus alunos, mesmo sem o perceberem totalmente.

Com relação aos alunos, todos entendem afetividade como querer bem, sentir carinho, amizade, querer estar próximo das pessoas que amam. São unanimidade as afirmações de que se aprende melhor quando se gosta do professor e que um professor motivado marca a vida dos alunos, provocando maior interesse em aprender. Os alunos têm plena consciência de como deve ser um excelente professor.

Conclui-se, portanto, que os alunos sabem o perfil ideal do professor que merecem e sabem reconhecer quando o encontram, e que os professores estão no caminho certo, buscando maior interação com seus alunos através da afetividade permeando toda sua prática pedagógica.

## **2 A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO**

Pesquisas desenvolvidas por Wallon (1978) e Vygotsky (1994) mostram a interação humana como fundamental para a aprendizagem, colocando que as primeiras interações ocorrem no nascimento, quando a criança se relaciona com as pessoas que se encontram próximas a ela. Tassoni (2000) interpreta o pensamento de Vygotsky (1994):

Através da interação com outros que a criança incorpora nos instrumentos culturais. Ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da *mediação* e da *internalização* como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo (TASSONI, 2000, p. 2).

E será durante as inúmeras interações que a criança terá no seu contínuo crescimento e desenvolvimento, que aflorarão sentimentos onde a afetividade se fará presente de forma positiva ou não.

Dependendo de suas interações, as emoções e as reações às pessoas que a rodeiam se farão visíveis em sua aprendizagem, comportamentos, reações e demonstrações de afeto.

Para se compreender a importância da afetividade no crescimento intelectual de crianças e jovens, é importante que se conceitue afetividade.

## 2.1. Conceituando Afetividade

A dimensão afetiva tem um conceito bem amplo, mas também unânime no que diz respeito ao senso comum da palavra. Muitos definem a afetividade como sendo demonstrações de carinho, afeto e amor. Não é uma ideia errada, porém se buscará conceituar afetividade no seu sentido mais amplo, utilizando- se de autores que pesquisaram o conjunto funcional da afetividade, todos com base na teoria de Henri Wallon (1978), estudioso de grande relevância que realizou pesquisas comprovadas na área da afetividade.

Ferreira e Acioly-Régnier (2010) mostram em seu artigo que Henri Wallon (1978) estudou sobre a dimensão afetiva e desenvolveu a teoria psicogenética que ajuda a compreender como se dá a constituição da pessoa. Segundo os estudos, a criança se desenvolve quando a interação acontece entre orgânico e social, quando caminham juntos, sendo um processo contínuo, moldando e transformando a pessoa por toda sua vida. Conforme Merleau-Ponty (1999) *apud* Ferreira e AciolyRégnier (2010, p. 5):

A teoria walloniana resgata o orgânico na formação da pessoa, ao mesmo tempo em que indica que o meio social vai gradativamente transformando esta afetividade orgânica, moldando-a e tornando suas manifestações cada vez mais sociais. Assim, temos um laço de união entre o corpo e o meio social, formando o que na tradição filosófica francesa denomina-se “entredeux”, ou seja, um campo que se forma no limiar das dualidades.

Explicando melhor essa dualidade, Merleau-Ponty (1999) afirma que “O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o

“sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta” (MERLEAU-PONTY, 1999 *apud* FERREIRA e ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 5).

Buscando conceituar afetividade encontra-se no dicionário da língua portuguesa, que afeto significa “sentimento de amizade, dedicação; objeto de afeição” e que afetuoso é aquele que “tem afeto; afável, carinhoso, terno” (SOARES AMORA, 2008, p. 19).

Mahoney (2004, p. 17) interpretando o pensamento de Wallon (1978), explica que “as emoções são identificadas mais por seu lado orgânico, empírico e de curta duração; e os sentimentos, mais pelo componente representacional e de maior duração”. A autora coloca ainda que as “emoções, sentimentos e paixões envolvem diferentes níveis de visibilidade, de duração, de intensidade, de controle e de predominância”.

Para melhor entender esses fenômenos, Mahoney (2004) explica como age cada um deles:

A emoção é visível, fugaz, intensa e sem controle, quando comparada com o sentimento que se sobrepõe ao movimento exterior; portanto, perde seu recurso de visibilidade e é mais duradouro menos intenso e mais controlado. A paixão é mais encoberta, mais duradoura, mais intensa, mais focada e com mais autocontrole sobre o comportamento. (MAHONEY, 2004, p. 18)

Buscando conceituar com maior científicidade a afetividade, Mahoney (2004) parafraseia Wallon (1978) afirmando que:

A afetividade é um conceito amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão. O primeiro componente a se diferenciar é a emoção, que assume o comando do desenvolvimento logo nos primeiros meses de vida; posteriormente, diferenciam-se os sentimentos e, logo a seguir, a paixão. (MAHONEY, 2004, p. 61)

Percebe-se que vários autores fazem uso dos estudos de Wallon (1978) para se aprofundar na importância da afetividade na aprendizagem, visto este autor ter feito grandes contribuições no entendimento das relações entre alunos e professores.

Portanto, após as leituras realizadas comprehende-se a afetividade de forma abrangente, como “um conjunto funcional que emerge do orgânico e adquire um *status*

social na relação com o outro e que é uma dimensão fundante na formação da pessoa completa" (FERREIRA e ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 4).

Dessa forma, a afetividade conceitua-se como um conjunto de emoções vivenciado e experienciado por todo ser humano, e se constrói a partir das relações do meio em que se vive, e considerada por Wallon (1978), central na construção do conhecimento e da pessoa. Assim, na criança, desde o ventre materno, é este o sentimento que une o feto à mãe e que ao nascer, continua sendo o elo entre a criança e o mundo que a cerca.

Quando uma nova vida é gerada, já no ventre existe uma relação entre o bebê e sua genitora, um laço de afetividade entre vidas que nem se conhecem ainda, mas já se amam. Amor é a palavra mais adequada, pois afeto é um sentimento de carinho/amor para com outra pessoa; sentimento este que, conforme caminham lado a lado com o crescimento do ser humano (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mais precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta, a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico. (GRATIOT ALFANDÉRY, 2010, p.71).

De acordo com Almeida (2008), na concepção Walloniana, há uma relação da estrutura nervosa corporal com a manifestação afetiva e ambas se completam.

(...) o desenvolvimento da afetividade é resultado da interação entre o orgânico e o social. A base orgânica, ou seja, as condições das estruturas nervosas, é responsável pelo aparecimento das primeiras manifestações da criança, e isso ocorre também com as manifestações afetivas, mas é o meio que transforma essas expressões em atos cada vez mais socializados. (ALMEIDA, 2008, p.29).

Em suma, os sentimentos, as emoções, as expressões promovidas pelo gesto e as reações são um conjunto de construção do afeto a ser demonstrado pelo indivíduo, ou seja, o organismo exterioriza os sentimentos das pessoas.

Wallon (1978) afirma que a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano, mas que este depende de três pilares da educação: a motora, a cognitiva e também a afetiva, retomando-se a ideia de que o biológico e o social estão permanentemente ligados.

Sendo assim, o desenvolvimento humano não depende somente do orgânico, mas também do ambiente em que se insere que vai ou não lhe proporcionar o desenvolvimento adequado, com todas as possibilidades para seu progresso. E a afetividade então, assume grande relevância nos processos educacionais, revelando-se um fator de extrema importância para o desenvolvimento humano.

Assim, o educador necessita ter o pleno conhecimento de que os fenômenos afetivos se referem a experiências subjetivas e que cada indivíduo reage de forma diferente a essas experiências, que podem impactar positivamente ou não, com relação à aprendizagem de seus alunos.

Pino (1997) *apud* Tassoni (2000, p. 5) esclarece que:

Os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam(...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.

Portanto, o pensamento de Pina (1997) *apud* Tassoni (2000) remete diretamente aos jovens adolescentes, tão sensíveis à forma como são vistos por seus semelhantes, sejam eles seus amigos, professores ou familiares. Essa enorme variedade de sentimentos pelos quais os seres humanos passam no dia a dia, podem ser exacerbados no jovem, e como podem ser sentimentos derivados da alegria, do amor, desencadeando afeição e carinho, podem se derivarem da raiva ou do ódio, desencadeando o oposto, a agressividade ou a revolta.

Em sua pesquisa relacionando afetividade e aprendizagem, realizada com crianças de seis anos, Tassoni (2000, p. 13) coloca que:

Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco desloca-se para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais. O que se diz, como se diz, em que momento e por quê; da mesma forma, o que se faz, como se faz, em que momento e por quê, afetam profundamente as relações professor-aluno, influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. O comportamento do professor, em sala de aula, expressa suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos que afetam cada aluno individualmente.

Este impacto do professor nos sentimentos dos educandos ocorre durante todo seu tempo acadêmico, influenciando positivamente ou não em sua aprendizagem. E se laços afetivos, que na infância muitas vezes se manifestam com demonstrações de carinhos físicos (passar a mão na cabeça, segurar na mão, etc.), forem substituídos na adolescência por outras de natureza cognitiva, como respeito, atenção às suas dificuldades, certamente a aprendizagem ocorrerá de forma mais significativa.

Ainda segundo Tassoni (2000, p. 14) “falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer seu esforço, constituem-se formas cognitivas de vinculação afetiva”.

Porém, é importante não esquecer que os fenômenos afetivos igualmente se relacionam a sentimentos de raiva, medo, ansiedade e tristeza, que estão presentes nas relações sociais e que podem fazer parte do cotidiano de muitos jovens, que se encontram na adolescência, um período marcado por alterações orgânicas importantes.

Os professores desses alunos, em especial aos que estudam no período noturno, que já trazem consigo toda uma carga maior de responsabilidade, estresse e fadiga, precisam ter em mente que o papel desempenhado por eles em sala de aula, deve ser o de mediador, de facilitador da aprendizagem, proporcionando a seus alunos meios para que realizem as atividades necessárias ao seu crescimento intelectual, utilizando-se de incentivos e reforços na crença das potencialidades de cada um, na capacidade de superação que todo jovem possui.

### **3 PERFIL DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO**

Percebe-se que os alunos do Ensino Médio Noturno possuem características diferentes dos alunos do diurno, como por exemplo, a faixa etária, que na maioria das vezes não correspondente com a série que deveriam estar. Estes buscam a escola procurando sanar a defasagem tendo em vista a própria sobrevivência, através de colocação melhor no mercado de trabalho.

Souza e Oliveira (2008. p. 4) destacam também que:

Outra característica que diferencia os alunos do Ensino Médio noturno é a trajetória escolar; ou seja, parte deles está dando continuidade aos seus estudos, sem interrupção - mesmo que com reprovações anteriores -, e outros estão retornando à escola, que foi por eles abandonada, em diferentes

momentos do processo de escolarização. Certamente, essas histórias têm reflexos na interação escolar atual; no entanto, parecem não estar sendo consideradas pelos profissionais da educação na organização do trabalho escolar.

O aluno do noturno carrega o rótulo de perdedor, aquele que não conseguiu realizar seus estudos juntamente com os colegas que continuaram no ensino diurno. Enquanto seus colegas se preparam para o vestibular ele permanece no 1º ano do Ensino Médio que parece interminável. A autoestima desses alunos é baixa e qualquer desafio lhes parece intransponível, levando-o a desistir várias vezes. Nestes casos percebe-se que os índices de desistência são maiores no ensino noturno, o que leva os pedagogos a buscar esses alunos via telefone, incentivandoos a retornarem e começar nova jornada.

Portanto, o diferente perfil dos estudantes do período noturno provoca a reflexão sobre o ensino que está sendo oferecido a esses alunos. Segundo Sousa e Oliveira (2008, p. 3):

A existência do aluno e do trabalhador-estudante, do aluno que percorre a trajetória de escolarização sem interrupções e daquele que retorna à escola após períodos de abandono, sugere a necessidade de se contemplar a possibilidade de oferta diversificada de ensino, no sentido de se criarem ambientes escolares capazes de acolher os diferentes públicos que vêm demandando o Ensino Médio noturno e potencializar suas escolhas futuras.

Tendo-se em mente esta reflexão, buscou-se o perfil do aluno do período noturno do colégio estadual pesquisado em Ponta Grossa – PR, que em seu PPP (Projeto Político Pedagógico) de 2015, aparecem assim descritos:

Muitos dos alunos que frequentam o Ensino Médio no período noturno são arrimo de família, trabalham nas imediações do colégio e o procuram para completar o Ensino Médio. Há os que são repetentes e que optam por se inserir no mercado de trabalho transferindo os estudos para a noite. Portanto, é evidente que os professores devam se adaptar a este contexto. Muitos alunos vêm ao colégio imediatamente depois de seus turnos de trabalho, o que pode ser constatado no fato de que muitos vestem ainda os trajes que são usados nas empresas em que trabalham.

Esses alunos, portanto, precisam de um esforço incomum para permanecer na escola e um esforço que necessita de certa ação conjunta entre todos os envolvidos no processo, principalmente o professor.

#### **4 O PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO NOTURNO**

No que se refere ao professor, segundo o PPP (Projeto Político Pedagógico) do colégio (2015) o perfil desse profissional é de um ser atuante e habilitado principalmente para mediar situações de aprendizagem.

Já a realidade explícita é outra, o professor normalmente trabalha em diferentes estabelecimentos durante o dia, alguns até cumprindo suas oito horas diárias em empresas e à noite ministram suas aulas. Assim como os alunos encontram-se cansados, sem motivação e em alguns casos até desmotivados de sua profissão.

Sousa e Oliveira (2008, p. 10) colocam que:

Entre os problemas enfrentados pelas escolas de Ensino Médio noturno está a grande rotatividade de professores. Os vínculos empregatícios precários, constatados em todas as redes de ensino pesquisadas, são apontados como fator determinante da rotatividade. Também, a atribuição de aulas, que permite aos professores com mais tempo na carreira escolherem as escolas e nelas, as disciplinas e turnos onde vão lecionar, além de remanejamentos solicitados por professores em qualquer momento do ano letivo, favorecem esse fenômeno.

Compreende-se, portanto, que seria importante maior comprometimento de alguns professores e maior incentivo e segurança a professores no início de carreira, para que permanecesse um tempo maior em suas lotações, ocorrendo assim vínculos cognitivo-afetivos, proporcionando a eles próprios, oportunidades de repensarem seus planejamentos tendo em vista as especificidades de seus alunos, respeitando e se solidarizando com as expectativas do grupo sob sua responsabilidade.

Sousa e Oliveira (2008) fazem algumas recomendações, nascidas da pesquisa realizada, e que estão relacionadas aos diferentes públicos que são atendidos pelo Ensino Médio noturno. Estas recomendações seguem no quadro abaixo, pois se acredita que são pertinentes às realidades vivenciadas pela grande maioria das escolas que ofertam o Ensino Médio noturno.

#### **QUADRO 1 – ALGUMAS RECOMENDAÇÕES VISANDO DIFERENTES PÚBLICOS DO ENSINO MÉDIO NOTURNO**

01	Estabelecer políticas que tenham como alvo o planejamento de expansão do atendimento, levando-se em conta a diversidade dos alunos que buscam o Ensino Médio noturno.
02	Definir fontes específicas de financiamento e linhas direcionadas para o Ensino Médio noturno.

03	Fixar o professor na mesma escola, por um dado período.
04	Incentivar a criação e/ou adequação de espaços físicos nas escolas.
05	Criação e desenvolvimento de programas, nos estados, que viabilizem o acesso à internet, por alunos e professores do Ensino Médio noturno.
06	Promover a organização de equipe dirigente nas escolas.
07	Incentivar a avaliação do trabalho desenvolvido no Ensino Médio noturno, pelas próprias escolas, como parte do processo de avaliação institucional.
08	Estimular a criação e o desenvolvimento de programas voltados à ampliação de vivências culturais para os alunos e professores do Ensino Médio noturno.
09	Propor diretrizes que contemplem alternativas organizacionais diferenciadas de atendimento aos alunos do Ensino Médio noturno.
10	Impulsionar estudos e debates sobre os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio nas escolas.
11	Identidade do Ensino Médio.

Fonte: Sousa e Oliveira (2008 p. 9-12)

Muitos profissionais chegam ao magistério sem ter muita aptidão, sobrando teoria, muitas vezes com acúmulo de práticas desastrosas, que podem causar conflito entre o que se ensina e o que efetivamente se aprende. Alunos e professores cansados, desgastados e desmotivados acabam apenas cumprindo com seus horários em aulas expositivas e monótonas, sem grande significado para os alunos, que em sua maioria, consideram de pouca utilidade em suas vidas. Este fato contribui para a evasão, e os que permanecem aguardam apenas pelo certificado ao final do curso.

Por esse motivo, toda a equipe pedagógica e professores precisam refletir e buscar novas formas de ensinar a este público, de forma realista e criativa, proporcionando aulas interessantes, com abordagens em que a participação dos educandos, se torne rotineiras, valorizando a capacidade e competência dos alunos, de forma a incentivá-los a seguir na caminhada, buscando se assim eles quiserem a graduação superior.

O professor tem o poder de motivar seus alunos, de fazer com que descubram suas potencialidades, de elevar a autoestima, mostrando-lhes que são capazes de superar suas dificuldades com persistência, com foco na busca de seus objetivos. Com isso, o vínculo afetivo se constrói, aproximando professores e alunos na incessante busca do aprender e ensinar de forma significativa e competente.

## **5 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO PESQUISADO: DESVENDANDO SEUS MISTÉRIOS**

Buscando saber como se comprehende a afetividade na relação professor/aluno, organizou-se dois questionários, um entregue a 12 (doze) professores, e outro destinado a 15 (quinze) alunos, aos quais de forma aleatória foi solicitado que contribuíssem com a pesquisa.

Tanto o questionário destinado aos professores, quanto o destinado aos alunos foi elaborado com 05 (cinco) questões abordando a afetividade.

A seguir, procura-se analisar e interpretar as questões respondidas pelos professores. Na primeira questão foi indagado como definem afetividade.

Dos doze professores, oito deles compreendem afetividade como afinidade, carinho, cuidados, amor pelas pessoas, bons sentimentos, troca de emoções. Porém, quatro compreendem também que afetividade é compreender o aluno em sala de aula, colocando que quando o afeto se estabelece, o aluno consegue se expressar melhor. Também se afirmou que afetividade é a capacidade de não ser indiferente ao outro, demonstrando empatia e considerando este outro de forma respeitosa, atenciosa e amorosa. Foi destacada ainda a importância de os contatos serem amigáveis, mantendo-se diálogos calmos.

As respostas a esta primeira questão remete a Tassoni (2000) que conclui em seu artigo que “afetividade não se limita apenas às manifestações de carinho físico e de elogios superficiais”, mas podem ser substituídas, no caso dos jovens e adolescentes, por outras “de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade”, nível este alcançado por quatro professores que colocam a não indiferença, o respeito, a atenção e os diálogos amigáveis, como fundamentais para o bom relacionamento entre professores e alunos.

Na segunda questão foi perguntado ao professor, se ele acredita que pode demonstrar afetividade em sala de aula.

Sete professores compreendem a afetividade como fundamental no processo ensino-aprendizagem, destacando que o afeto facilita a aprendizagem, que o aluno se sente mais à vontade para interagir quando é tratado com respeito e atenção. Um professor destacou a importância de se respeitar a diversidade e o pluralismo do ser humano e outro afirmou que procura sempre entender as diversas situações que ocorrem envolvendo seus alunos e que o afeto envolve simpatia e empatia.

Entretanto, percebeu-se nos outros cinco professores certa frieza e medo de demonstrar afeto, além da falta de compreensão de que respeito, solidariedade e

atenção também podem estabelecer vínculo afetivo. Uma das respostas diz que poderia demonstrar afeto dependendo do perfil da turma, pois essa demonstração pode ser compreendida erroneamente. Outro diz explicitamente ser muito difícil que ele demonstre afeto, pois a relação é temporária e que caso se envolvesse poderia ficar “suscetível a situações que não me pertencem”.

Outro professor colocou que afeto pode ser confundido com protecionismo e que é impossível homogeneizar o relacionamento em turma e finalmente, outro afirma que sim, porém, apenas em momentos de calmaria quando consegue conversar com os alunos.

Estes professores demonstram total desconhecimento do amplo sentido de afetividade, e o que pode estar ocorrendo é o entendimento de que o significado seja apenas o contato físico, palavras carinhosas ou elogios superficiais, dos quais fala Tassoni (2000). Não demonstra nas respostas o entendimento de que a atenção, o saber ouvir, o diálogo e o respeito são imprescindíveis na relação professor/aluno para se estabelecer os laços de afeto, e que não dependem de perfil de turma, nem causam entendimentos errôneos quando praticados.

A terceira questão indagou sobre como seus alunos demonstram afetividade em relação a ele, o professor.

Onze professores foram capazes de perceber a afetividade de seus alunos através do respeito, do reconhecimento ao seu trabalho, na maneira como se expressam sobre seus anseios ou sobre os conteúdos trabalhados e nos elogios que recebem. Um deles comentou sobre ser procurado para aconselhar sobre assuntos profissionais, familiares e por vezes até amorosos e outra relatou que além dos elogios, também percebe como demonstração de afetividade algumas opiniões de desagrado com relação a alguma aula ou conteúdo.

Ao se comparar esta última questão com as respostas de sete professores na questão anterior, constata-se que os mesmos que sentem dificuldade em demonstrar afetividade por seus alunos, conseguem identificar as demonstrações de afetividade de seus alunos para com eles. Então, a constatação que se faz é que não relacionam essas características percebidas através de seus alunos, como algo provavelmente também praticada por eles, como sinais de afetividade. Esses professores encontram-se confusos com relação a formas de demonstrar afetividade.

Portanto, estas respostas são positivas, pois se percebe que para os alunos agirem desta forma estão com os vínculos afetivos estabelecidos com estes professores, pois encontram abertura para se manifestarem, até mesmo para criticar quando algo os desagrada. Voltando as respostas anteriores os professores conseguem transmitir afetividades através do respeito e do diálogo, mesmo sem perceber seu real significado.

Apenas o mesmo professor que demonstrou maior frieza na questão anterior colocou que seus alunos o tratam com respeito, como um servidor, prestador de serviços. Que alguns alunos, considerados por ele como mais carentes, sentem falta de afetividade por não encontrarem com seus pais, mas que a maioria é “indiferente, entram, assistem, participam e mais nada”. Realmente, este professor ainda não entende a afetividade em seu sentido mais amplo, mas como se verá adiante, nas respostas posteriores, ele está equivocado.

A quarta questão indagou quais sentimentos devem permeiar as relações de sala de aula.

Onze professores citaram vários sentimentos, que na opinião deles devem se fazer presentes no ambiente da sala de aula. Entre eles estão os que caracterizam os laços afetivo-cognitivos dos quais fala Tassoni (2000), porém mesclados à afetividade ligada ao amor e carinho. Foram citados sentimentos como: seriedade, companheirismo, confiança, credibilidade, admiração, respeito, preocupação com a aprendizagem, educação, carinho pelo ser humano, alegria, entusiasmo, otimismo, compreensão, valorização do aluno, cooperação, solidariedade, honestidade, caráter tanto do professor quanto do aluno, competência, amor e amizade.

O professor considerado frio nas questões anteriores se contradiz nesta questão, deixando claro que não tem conhecimento do amplo significado de afetividade, porém utiliza em suas aulas características que segundo Tassoni (2000) estabelece os laços cognitivo-afetivos, pois segundo ele sua relação com os alunos é profissional, onde deve ocorrer à concentração para a aprendizagem, o saber e afirma “questões afetivas não me pertencem. Não é possível ser afetivo e sim atencioso, cuidadoso e responsável”.

Assim, comprehende-se que o professor mesmo sem perceber estabelece esses vínculos com seus alunos quando é atencioso, cuidadoso e responsável, pois os

alunos certamente percebem seu comprometimento com a aprendizagem e lhe devolvem em forma de respeito à seriedade mostrada por ele, durante suas aulas.

Na quinta e última questão foi perguntado qual a dificuldade encontrada pelo professor em sala de aula envolvendo a emoção.

O professor que se diz contrário a manter laços afetivos declara que não encontra dificuldades, que trata as questões que surgem com razoabilidade e bom senso, não se deixando envolver emocionalmente, que o emocional do aluno pertence a ele e a sua família. Afirma que não julga atos dos seus alunos e que não é psicólogo, psiquiatra, pai ou amigo. Trata alunos como alunos, porém enfatiza que procura ser professor com ética, respeito e eficiência. Que olha o que faz como amor e sente-se bem em sala de aula como educador.

Acredita-se que este professor tenha laços afetivos com seus alunos construídos com seu profissionalismo e responsabilidade, mesmo que não o perceba. Suas palavras, entretanto, parecem conter certa revolta com relação aos inúmeros papéis, que muitas vezes a sociedade espera do professor. É como se ele quisesse frisar que seu papel é ensinar e que para outras dificuldades existem os profissionais específicos.

Dois professores responderam simplesmente que não encontram nenhuma dificuldade.

Oito professores apresentaram dificuldades variadas como: a preocupação com aqueles alunos que não demonstram interesse; com a discriminação de alguns alunos por outros (cor, condição financeira, inteligência); quando é desacatado ou quando o aluno é irônico ou debochado; quando precisa ser mais rigoroso com algum aluno e ao mesmo tempo precisa agir com os demais como se nada tivesse acontecido; com as dificuldades dos próprios alunos, sejam relacionadas a aprendizagem, familiares, profissionais, etc.

Um dos profissionais relatou ter algumas dificuldades com a faixa etária heterogênea dos alunos, pois alguns são rebeldes, o que acaba causando estremecimento nas relações aluno/aluno e aluno/professor.

Nessas dificuldades citadas percebe-se que os professores precisam de maior apoio da equipe pedagógica que podem auxiliar mantendo maior contato com alunos indisciplinados e suas famílias, bem como sugerir ações e suporte a esses professores visando amenizar suas dificuldades em sala de aula.

Com relação à afetividade acredita-se que todos mantêm vínculos afetivos, mesmo que alguns não tenham plena consciência disso.

Por esse motivo, seria interessante que se reunissem os professores para que tivessem uma palestra, onde a abordagem sobre a importância da afetividade na aprendizagem fosse esclarecida, além de explicitar afetividade com seu amplo conceito, em que fique clara a teoria defendida por Wallon (1978) a de que a emoção tem caráter contagioso, e que, portanto, “o professor contagia e é contagiado pelos alunos” (TASSONI, 2000, p. 14).

O professor precisa contagiar seus alunos com “sentimentos que os tranquilizam, encorajam e os fortalece” (TASSONI, 2000, p. 14).

A autora lembra ainda que sentimentos como medo, ansiedade, angústia e frustração desgastam os alunos, e os professores devem estar aptos a transmitir serenidade e tranquilidade, proporcionando a eles a chance de superar essas dificuldades “destravando” suas atividades cognitivas (TASSONI, 2000).

A pesquisa realizada com quinze alunos, contou também com cinco questões, que seguem devidamente analisadas e interpretadas.

Na primeira questão foi indagado aos alunos como definem afetividade.

Neste momento de definição do termo, todos se utilizaram da forma mais simplificada compreendida por eles, relacionando afetividade a carinho, amor, amizade, simpatia, boa convivência, sentir-se bem com determinadas pessoas, gostar de alguém, ter uma comunicação amigável e tratar os outros como gostaria de ser tratado.

As respostas demonstram que apesar de não ligarem o respeito, a atenção, a reciprocidade ou o cuidado como também características capazes de estabelecer laços afetivos, têm claro significados que podem proporcionar bons relacionamentos entre colegas e professores. Quando os professores compreenderem a amplitude das características da afetividade, podem através dos diálogos em sala de aula, ampliarem o conhecimento e compreensão de seus alunos, pois conforme concluem Ferreira e Acioly-Régnier (2010, p. 10) em seu artigo “cognição e afetividade estão irremediavelmente presentes na formação da pessoa”.

A segunda questão perguntou como os professores demonstram afetividade em relação a ele, aluno.

Nas respostas a esta questão comprehende-se que os alunos reconhecem as características do sentido mais amplo de afetividade sobre o qual comenta Tassoni (2000) mesmo que tal fato não se perceba na definição do termo na questão anterior. As respostas fornecidas sobre como percebem a afetividade dos professores foram: quando alguns ficam mais próximos dos alunos; quando se importam, perguntando se está tudo bem, até mesmo brincando com alguma situação; quando mostram seus conhecimentos; quando conversam, ouvem opiniões, é simpático e interage igualmente com todos; quando se preocupam com as notas, com o comportamento e até mesmo com assuntos pessoais; quando demonstram interesse e preocupação com a aprendizagem; quando são compreensivos, educados e respeitam o aluno; quando têm paciência, atenção; quando ouvem as dúvidas e questionamentos.

Os alunos certamente reconhecem o bom professor, aquele que conhece, ensina e igualmente se preocupa com a aprendizagem, ouvindo, interagindo e auxiliando quando solicitado.

Na terceira questão indagou-se se ele aprende melhor quando gosta do professor.

Apenas um aluno respondeu que não, explicando “venho para estudar e não ver o professor”. Talvez não tenha compreendido a questão ou não tenha ficado atento a ela, visto que era gostar do professor e não o ver.

Todos os demais responderam que sim, colocando as mais variadas explicações, tais como: quando professor e aluno se dão bem, a aula não fica “chata”, consegue entender melhor e a vontade de aprender aumenta; presta mais atenção quando gosta do professor; quando sente afeto por parte do professor aprende melhor; quando gosta o diálogo fica mais fácil e se dedica mais; quando gosta não há brigas e falta de respeito, e o desempenho é maior, pois há interesse de ambos; quando gosta do professor vir para a aula é “legal” e o aprender torna-se bom; quando gosta sente-se mais à vontade para esclarecer dúvidas e presta mais atenção; o gostar torna o diálogo mais aberto, o que facilita a aprendizagem e finalmente, gostar promove maior interação e por isso aprende melhor.

Nessas respostas percebe-se claramente que a afetividade tem grande e importante influência na aprendizagem. O tratamento respeitoso, o saber ouvir, a forma de ensinar, a interação, a liberdade para se manifestar, despertam o sentimento de gostar, de querer participar, de se envolver na aprendizagem, de ter vontade de

estudar e aprender, Lembrando Tassoni (2000) “o professor contagia seus alunos”, e é nesse ponto que o poder do professor se solidifica e ele consegue despertar em seus alunos o prazer de aprender, de se contagiarem com o conhecimento.

Na quarta questão foi perguntado se a motivação e entusiasmo do professor em relação ao seu objeto de conhecimento podem ajudar a aprender melhor.

Todas as respostas foram unânimes em afirmar que sim, explicando de várias maneiras como: que a motivação e o entusiasmo para passar o conhecimento mostram o interesse do professor em fazê-los também adquirir o conhecimento que naquele momento está com ele; que proporciona um clima bom em sala de aula, que o entusiasmo do professor marca os alunos muitas vezes como exemplos a serem admirados. Um dos alunos coloca que o bom humor e um sorriso no rosto mudam a noite de um aluno, outro afirma que sem motivação e entusiasmo não há vontade de aprender e finalmente um deles questiona: “Quem gosta de professor ‘mortão’?”.

Ainda durante as respostas, alguns alunos colocaram o olhar sobre o professor que ama o que faz, que percebem quando o professor realmente gosta do que faz. Assim, pode-se voltar novamente no poder de contágio que o professor tem com relação a seus alunos, quando demonstra entusiasmo com o repasse de seus conhecimentos e com a capacidade de motivar seus alunos na busca da superação de suas dificuldades, visando alcançar seus objetivos.

Quando o aluno do noturno diz que o bom humor e um sorriso mudam sua noite, comprehende-se o que está implícito em sua frase a fadiga do dia de trabalho, talvez o estresse com algumas situações vividas, mais o fato de sua persistência em frequentar o curso noturno. E aí encontrar um professor bem-humorado, que o recebe com um sorriso, serve obviamente como um alento, uma grande motivação para que continue seu caminho, por mais difícil que seja em alguns momentos.

A quinta e última questão indaga o que faz do professor um excelente professor.

Todos responderam à questão, colocando as características, que segundo eles transformam professores, em excelentes professores.

Um deles foi claro ao colocar que o aluno percebe o professor que trabalha de “má vontade”, que não demonstra muito interesse. Assim, as características do excelente professor apontadas foram: aquele que tem bom relacionamento com os alunos, que tenta entender, que planeja aulas divertidas com disciplina e que também

ajuda a evitar o *Bullying*; que respeita os alunos; que não agride verbalmente, que chega sorrindo e não de “cara amarrada”; que dá o seu melhor, que promove a aprendizagem; que sabe explicar, que tira dúvidas; que tem autoridade com respeito, que tem os direitos e deveres presentes no seu dia a dia; que é justo e verdadeiro; que gosta do que faz e se preocupa com a aprendizagem de seus alunos; que se comunica de forma clara, que é criativo em suas aulas, que é eficiente; que está presente em todas as aulas; que faz revisão; que é didático; que cumpre as metas de conteúdo; que elabora provas que os desafiam; que tem controle da sala e consegue concentrar os alunos e que é competente.

Os alunos certamente reconhecem o excelente professor, sabem o que merecem, têm claro o profissional que necessitam para auxiliá-los a seguir na busca de seus objetivos munidos dos conhecimentos necessários.

Reconhecem também pelo olhar, como alguns colocaram em suas respostas, aquele professor que não gosta do que faz aquele que trabalha de “má vontade”, os de “cara amarrada” e os que são autoritários além do necessário.

Portanto, acredita-se que está faltando mais diálogo entre professores e alunos, pois pelas respostas, ambos os grupos sabem o que querem, precisando, entretanto, ocorrer uma convergência desses pensamentos, que são praticamente idênticos. Quando isso ocorrer, professores que têm dificuldades em sala de aula e alunos que não têm bom relacionamento com alguns professores podem, enfim, chegar a um bom entendimento, compreendendo que a afetividade é o caminho para essa união na busca pelos resultados esperados por uma educação voltada para uma real e significativa aprendizagem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada atingiu amplamente os objetivos estabelecidos, visto que se comprovou a importância da afetividade na concretização da aprendizagem.

Mesmo que alguns professores e também alunos definam afetividade relacionada a demonstrações de afeto, carinho ou amizade ficou evidente que no dia a dia em sala de aula, alguns desses professores se destacam perante seus alunos pelo respeito, atenção, interação, incentivo, entusiasmo, que são características que

levam ao estabelecimento de laços afetivos, fazendo com que recebam a contrapartida de seus alunos.

Nesse sentido, observa-se que os alunos reconhecem a dedicação e comprometimento desses professores, os quais definem como excelentes.

Assim, mesmo que não pensem na influência teórica da afetividade em seus trabalhos diários, suas atitudes comprovam que os alunos aprendem, interagem e se desenvolvem cognitivamente melhor, quando o ambiente da sala de aula é pautado pelo respeito mútuo, pela solidariedade e pela compreensão.

Portanto, a afetividade comprovadamente, caminha lado a lado com o sucesso profissional de muitos professores, que têm seus alunos como pessoas que precisam dos seus conhecimentos, do seu incentivo e do seu respeito, afinal, eles sabem identificar um professor atuante, responsável e competente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. Cognição, corpo e afeto. **Revista Educação**: coleção história da pedagogia, São Paulo, n.3, p.20-31, 2008.

FERREIRA, A. L.; RÉGNIER, N. M. A. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Revista Educar**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Editora UFPR.

FONSECA, J. J. S. de. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UFCE, 2002.

GRATIOTY-ALFANDERY, H. **Henri Wallon**. Recife: Massangana, 2010.

JACOB, A. V.; LOUREIRO, S. R. **Desenvolvimento afetivo** - o processo de aprendizagem e o atraso escolar. Paidéia (Ribeirão Preto) 1996, n.10-11, p. 149160. ISSN 0103-863X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1996000100011>. Acesso em: 30 jul. 2016.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**. 2005, n.20, p. 11-30. ISSN 2175-3520.

MELLO, T.; RUBIO, J. de A. S. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – v. 4 – nº 1 – 2013. Disponível em: <http://www.facsoroque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>. Acesso em: 03 de agosto de 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES A. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 18 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

SOUSA, S. Z.; OLIVEIRA, R. P. de. Ensino Médio noturno: democratização e diversidade. **Revista Educ. rev.** 2008, n.31, pp.53-72. ISSN 0104-4060. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602008000100005>. Acesso em: 30 jul. 2016.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professoraluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional.** Campinas: ANPED, 2000.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1995.